

# CAMPONESES DE JANGAMO NORMALIZAM SUA VIDA

- Trânsito rodoviário aberto
- Construção de aldeias comunais

N. 20/11/84

A normalização do trânsito rodoviário foi restabelecida ao longo do que foi um dos trechos mais perigosos de estrada em Moçambique, no distrito de Jangamo, imediatamente a Sul da cidade de Inhambane.

Inhambane está localizada numa península e tem como única saída a ligação com a estrada nacional que liga o Norte ao Sul do País. Todo o motorista, que queira ir a Inhambane, tem de deixar a estrada principal na encruzilhada de Lindela e tomar a rota para a península.

Até Abril deste ano, Lindela era o «cruzamento da morte». Para o Sul, ligava-se com Malaissa, onde os bandidos tinham um grande acampamento. Eles infestavam a área, e a estrada era o seu principal alvo. Ataques persistentes à estrada poderiam cortar a península de Inhambane do resto do País.

— Camiões carregando alimentos, foram o alvo número um — disse à Agência de Informação de Mocimboa do Jangamo, o Administrador do Distrito de Jangamo, José Jasse, mas também foram atacadas as lojas localizadas ao longo da estrada, destruídas aldeias comunais na área, atacadas escolas, onde eram raptados alunos.

Mas hoje, como os jornalistas da AIM puderam observar, a estrada é segura (apesar de as pessoas ainda não conduzir à noite), a actividade comercial foi restabelecida e três grandes aldeias comunais, em Ravene, Malaissa e Mutamba, foram reconstruídas. Em Malaissa, que os bandidos chegaram a considerar como «seu» território, há agora um quartel das Forças Armadas de Mocimboa do Jangamo (FPLM), garantindo a segurança da estrada.

Após a assinatura do Acordo de Nkomati, de não-agressão entre Moçambique e a África do Sul, em Março último, as Forças mocimboanas em Jangamo lançaram uma ofensiva que resultou na destruição dos maiores acampamentos dos bandidos em Malaissa. Esta foi a pré-condição para a reconstrução das aldeias.

Hoje, de acordo com José Jasse, os bandidos não têm acampamentos fixos no Distrito de Jangamo. Mas isto não significa que eles tenham sido donados por completo o distrito.

— Ultimamente andam dispersos disse o Administrador.

— Eles movimentam-se em pequenos grupos de cinco a seis bandidos, principalmente à noite, atacando a população local e roubando comida — acrescentou. Este tipo de actividades ocorre longe da estrada, geralmente ao longo da linha da costa.

A aldeia de Ravene foi reconstruída em Abril e Maio e actualmente cerca de 400 famílias (mais de 3 000 pessoas) vivem lá. O presidente da aldeia,

Jaime Blusa, um membro do Comité Central do Partido Frelimo, disse à AIM que a aldeia foi erguida inicialmente em 1980, mas os residentes foram obrigados a fugir em Abril de 1982, quando se registou o ataque dos bandidos a Ravene.

Blusa, pessoalmente, liderou a resistência contra os bandidos, mas foi capturado e permaneceu num acampamento dos bandidos durante seis dias. Após fugir do acampamento, ele levou a sua família para Jangamo, onde se tinham refugiado outros aldeões.

Ravene tem agora um centro de saúde e uma cooperativa de consumo e está em reconstrução a escola primária. Uma cooperativa agrícola foi organizada e tem actualmente 40 membros. Porque começou a sua actividade em Abril, a cooperativa plantou este ano só dois hectares e meio, grande parte dos quais com hortícolas. No

próximo ano, os cooperativistas esperam cultivar no mínimo 20 hectares.

Alguns aldeões encontram-se em Ravene, vindos de outras localidades do distrito, onde as condições não são seguras. Rosália Arminda é uma destas pessoas. Ela está em Ravene, proveniente de Nhancoja, e contou à AIM como em Abril último o seu marido, membro das Milícias Populares, foi capturado pelos bandidos, torturado e assassinado. O irmão dela e o seu pai desapareceram e ela receia que terão sido igualmente assassinados. Os bens pertencentes à família foram todos roubados e ela está agora só, com dois filhos menores.

— Os aldeões daqui de Ravene têm-me dado todo o apoio para eu reorganizar aqui a minha vida — disse ela.

A uns quatro quilómetros de distância da estrada está a Aldeia Comu-

nal de Malaissa. Esta foi formada por pessoas que viviam na localidade de Bambela, destruída pelos bandidos em Junho de 1982. A nova aldeia foi erguida em Malaissa, depois de ter sido construído o quartel e a segurança ter sido garantida. O trabalho começou na zona a 20 de Julho do corrente ano e casas estão ainda a ser erguidas. A aldeia tem actualmente cerca de 2 000 residentes. Não está tão bem desenvolvida como a de Ravene, e ainda não tem cooperativa agrícola, escola e posto de saúde — os aldeões vão a Ravene para tratamento sanitário.

O secretário da aldeia, Carlos Cumbane, disse à AIM que os aldeões consideram agora que a situação de segurança está sob controlo.

— Os bandidos movimentam-se só à noite — disse.

— E nunca mais vimos nada deles desde que aqui estamos — acrescentou.

A Norte do cruzamento de Lindela, a caminho de Inhambane, está a Aldeia Comunal de Mutamba. Esta data de 1983. Foi também erguida por pessoas provenientes de áreas atacadas pelos bandidos armados — os aldeões vêm das localidades de Ligogo e Massavane.

O Secretário da Célula do Partido Frelimo na aldeia, Vasco Cuamba, falou à AIM da necessidade dos aldeões aprenderem a defender-se por si sós, para assegurar que os bandidos nunca entrem. Cursos de autodefesa decorrem em Mutamba, e 114 membros das Milícias Populares foram já treinados. O total da população da aldeia ronda os 1 500 habitantes.

Estas três aldeias são os sinais mais visíveis das mudanças que ocorreram no Distrito de Jangamo nos últimos seis meses. Os veículos circulam agora livremente, sem que haja medo de emboscadas. Onde antes estavam acampamentos dos bandidos estão agora pacíficos camponeses, preparando os seus campos para a sementeira.

Na vila de Jangamo podem ser vistos cartazes, convidando os bandidos a renderem-se. Sem dúvida, bandidos letrados e seus colaboradores, que entram na vila e lêem os cartazes, levam a mensagem aos que estão nas matas, encorajando a que se entreguem às autoridades mocimboanas. (AIM).



José Jasse, à esquerda, Administrador de Jangamo, e Jaime Blusa, presidente da Aldeia Comunal de Ravene, falando à AIM